

BRASIL

# SENSIBLA

REVISTA DA REDE OBLATA | MISSÃO E SENSIBILIZAÇÃO SOCIAL | EDIÇÃO Nº 1



PROSTITUIÇÃO E PANDEMIA

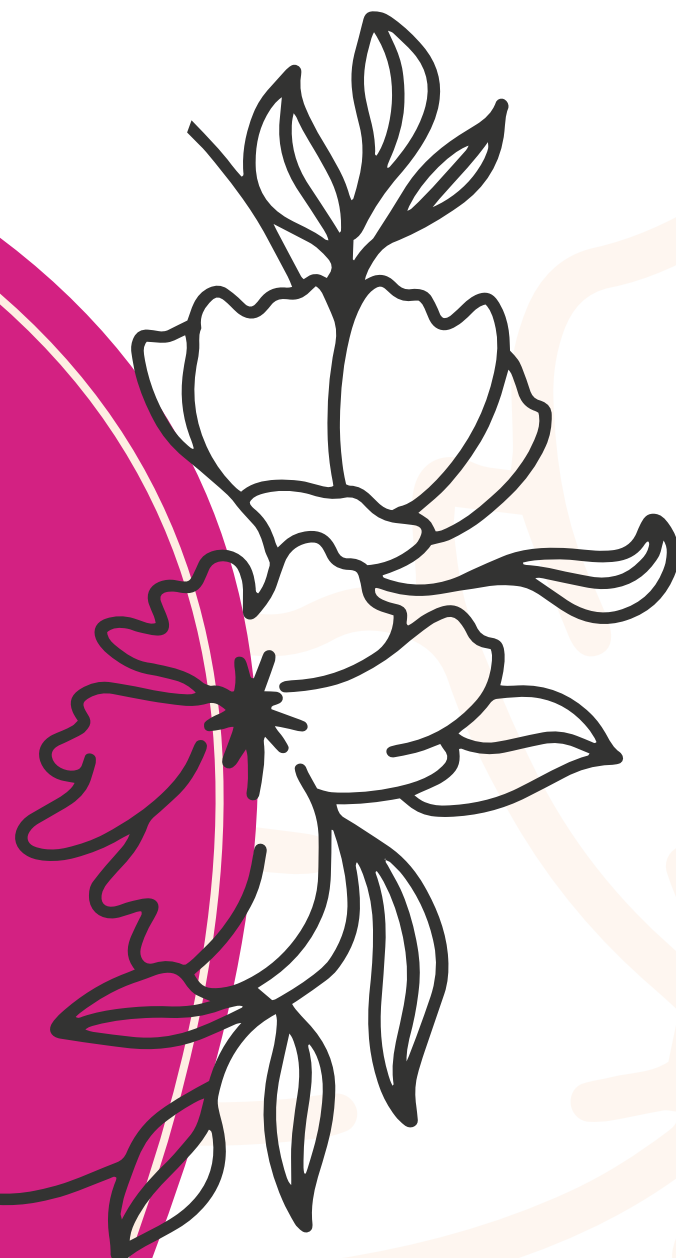
SAÚDE MENTAL

ESPIRITUALIDADE OBLATA E  
VISÃO HOLÍSTICA

# SUMÁRIO

<b>HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO</b> .....	<b>04</b>
<b>UNIDADES OBLATAS NO BRASIL</b> .....	<b>08</b>
<b>NOSSA ATUAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>ORGANOGRAMA INSTITUCIONAL</b> .....	<b>18</b>
<b>PROSTITUIÇÃO E PANDEMIA</b> .....	<b>20</b>
<b>SAÚDE MENTAL</b> .....	<b>24</b>
<b>ESPIRITUALIDADE OBLATA E VISÃO HOLÍSTICA</b> .....	<b>28</b>
<b>DEPOIMENTOS</b> .....	<b>32</b>
<b>CONVOCAÇÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>SUGESTÕES DE LEITURA</b> .....	<b>40</b>

SENSIBLA - 1ª Edição | 2021/2022



## EDITORIAL

Nos últimos anos a Rede Oblata Brasil, organização de projetos sociais que atua com as mulheres em contexto de prostituição, vem se articulando cada vez mais numa ação em conjunto, realizando eventos de sensibilização da sociedade e produzindo materiais formativos e informativos para as mulheres, em um processo de formação, de troca de experiências e saberes. A Revista SENSIBLA é mais um fruto dessa dinâmica.

Nesta edição, além de apresentar quem somos e a nossa atuação e missão junto às mulheres, queremos destacar as principais reflexões que estamos fazendo, desde quando a pandemia de COVID-19 foi iniciada. São elas: Pandemia e Prostituição, Saúde Mental, Espiritualidade Oblata e Holística.

Apresentamos, em forma de síntese, a origem do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, fundado por José Benito Serra e Antonia Maria de Oviedo e Schöntal, instituição presente atualmente em 15 países. No Brasil estamos desde 1935 e desenvolvemos projetos sociais nas cidades de Belo Horizonte – MG, Salvador e Juazeiro – BA e São Paulo – SP.

A pandemia de COVID-19 deu maior visibilidade à desigualdade social no Brasil, evidenciou a fragilidade das políticas públicas, sobretudo para as pessoas mais vulneráveis. Nesse cenário, as mulheres em contexto de prostituição foram extremamente afetadas. O texto Rede Oblata Brasil no Atendimento às Mulheres em Tempos de Pandemia faz provocações ao sistema político, social e econômico e apresenta as principais estratégias que o Projeto Diálogos pela Liberdade vem utilizando para se fazer presente junto às mulheres neste momento.

O adoecimento mental é outro tema a respeito do qual continuamos a refletir, pois em grande parte está relacionado com a falta de acesso aos direitos básicos de sobrevivência: emprego, moradia, alimentação, cuidados com a saúde,

entre outros. As mulheres que exercem a prostituição, atendidas pela Rede Oblata Brasil, fazem parte da população de extrema vulnerabilidade social e a prostituição acrescenta outros fatores que afetam ainda mais a saúde mental delas. O texto Adoecimento psíquico na perspectiva da violação dos direitos humanos na prostituição apresenta uma reflexão de como a pandemia de COVID-19 potencializa os transtornos já existentes no âmbito prostitucional e a influência dos sistemas patriarcal, econômico, social e moral na dinâmica da prostituição.

Diante desse cenário, a espiritualidade tem sido o que nos sustenta, dá sentido e move nossa esperança em tempos de mudanças, transformações e desafios. O texto Espiritualidade Oblata e Visão Holística relata como a espiritualidade nos leva a conectar com os aspectos humanos, sobretudo, das pessoas mais vulneráveis. A espiritualidade redentora, vivenciada pela Família Oblata – religiosas, leigas e leigos – atualiza-se no contato cotidiano com as mulheres que exercem a prostituição. O texto propõe uma reflexão sobre a vivência da espiritualidade oblata em “tom” holístico, atenta ao Cosmos, aos desafios sociais, políticos e econômicos que o mundo nos apresenta.

Esperamos que por meio desta revista possamos dar a conhecer um pouco mais o Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, nossa missão junto às mulheres em contexto de prostituição e as reflexões que estamos fazendo diante de todo contexto mundial.

**Boa leitura!**



**Lucia Alves da Cunha**  
Oblata do Santíssimo Redentor



# História da Congregação

## Padre Serra

**J**osé Maria Benito Serra nasceu em 1810 na Espanha. Aos 11 anos ficou órfão de pai e mãe. Estudou num colégio interno e, desde a sua infância, também trabalhou fora. Aos 17 anos desejou consagrar sua vida a Jesus e tornou-se Monge Beneditino. Jovem ainda se ofereceu para ir às missões na Austrália, onde ficou vários anos convivendo com os nativos.

Ao voltar para a sua terra, Espanha, foi convidado a dar atendimento espiritual às pessoas internadas em um hospital chamado São João de Deus. Nesse hospital, Padre Serra teve o primeiro contato com as mulheres que exerciam a prostituição. Enquanto escutava suas histórias de vida, seus lamentos, suas dores, esse clamor ia penetrando cada dia mais em sua alma e coração. Voltava para casa pensativo e indignado com tal situação e pedia luzes ao Senhor. “É muito doloroso o que tenho presenciado para permanecer tranquilo. Se todas as portas se fecharem para elas, eu lhes abrirei uma”. O preconceito era muito grande na sociedade e todos queriam desanimá-lo, não entendiam como um homem tão culto como ele pudesse se envolver com tal realidade. Padre Serra permanecia firme e respondia: “Pedirei esmola e farei tudo o que puder e, se ninguém me ajudar, eu vou fazer sozinho”.

Nesse momento, no ano de 1864, recorda do nome de uma grande mulher que conheceu no Palácio da Corte, Antonia Maria de Oviedo e Schönthal, e decidiu entrar em contato com ela.



**Maria Helena Braga**  
Oblata do Santíssimo Redentor



## Madre Antonia

**A**ntonia Maria de Oviedo e Schönthal era mulher de fé e de muitos dons colocados em seu trabalho cotidiano no Palácio. A vida não foi fácil para a jovem mulher que não conhecera seu pai, Antonio, o qual precisou sair de Lausanne quando a filha era pequena e não puderam mais se encontrar.

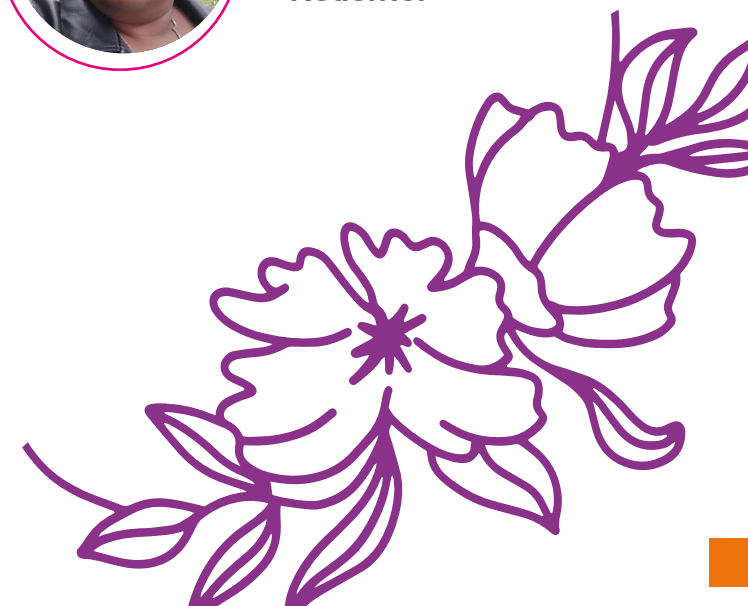
Toda educação e cuidado da menina ficaram sob a responsabilidade de sua dedicada, forte e talentosa mãe, Suzana, com a ajuda de duas tias. A força que vem da vida e que vem de dentro sempre fez com que Suzana criasse Antonia na fé, nas virtudes, no cuidado, na delicadeza, na força, na arte e no respeito com a vida, o que a possibilitou tornar-se educadora das filhas da rainha M<sup>a</sup> Cristina de Borbón, na corte espanhola.

No entanto, Antonia há muito tempo trazia uma inquietação vocacional e, em profundos momentos de oração, contemplando a cruz de Cristo, desejava doar a sua vida e ser religiosa.

Sabendo de sua inquietação, Pe. Serra recorreu à Antonia para partilhar o que escutava das mulheres que atendia no Hospital São João de Deus. No início, ela sentiu forte resistência, não conseguia entender que sua consagração a Deus se concretizaria em tal missão e, no contato com a realidade das mulheres, a resposta lhe veio em um momento de oração. Diante da imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho escutou em seu coração: “A filha que não obedece à mãe, não é uma boa filha”. Naquele momento, entre a realidade que presenciava e o sonho que acalentava no coração, seus passos a conduziram a uma nova missão.



**Marilda Santos de Souza**  
Oblata do Santíssimo Redentor





# Fundação



No dia 1º de junho de 1864, em Ciempozuelos, Madri, é aberta a primeira casa para acolher as mulheres que exerciam a prostituição e um novo caminho surgia a partir dali, tanto na vida de Antonia, de Serra e de outras pessoas que foram compartilhando da mesma missão, com a disposição de seguir em frente, pois em nenhum momento cessaram as lutas, buscas, resistência com persistência, silêncio e oração. Após seis anos, Antonia continuava com seu desejo de tornar-se religiosa e, em 2 de fevereiro de 1870, fez sua consagração. A partir daí nasce a Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

Muito além de um trabalho social, a nova Congregação proclama o legado que dá sentido à missão Oblata: **“Quero que vejam nelas a imagem do Redentor”**, o que vem marcando a mística de nossas ações até os dias de hoje.

Da primeira parreira plantada em Ciempozuelos pela fundadora e pelo fundador, outros cachos de uva foram brotando, crescendo, nascendo, renascendo e se espalhando como a raiz que, aprofundada na terra, busca no silêncio, às vezes no escuro e na ousadia, formas de se expandir. E a missão se espalhou, além das fronteiras, em quinze países, e segue acreditando na força da missão com as mulheres.



**Marilda Santos de Souza**  
Oblata do Santíssimo Redentor

# Irmãs Oblatas no Brasil

A Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor está organizada em três Províncias: **Província Europa:** Espanha, Itália e Portugal; **Província José María Benito Serra:** Colômbia, Estados Unidos, Filipinas, Guatemala, México, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela; **Província Santíssimo Redentor:** Argentina, Angola, Brasil e Uruguai.

O início da Congregação no Brasil data de 31 de janeiro de 1935, quando sete irmãs da Espanha chegaram ao Rio de Janeiro com a missão de construir educandários para acolher meninas pobres, desprovidas e provenientes de famílias que viviam em situação de vulnerabilidade social. Lutando por este objetivo, as primeiras religiosas buscavam diariamente, com alegria, dedicação e sacrifício, obter fundos por meio de campanhas, rifas e ajudas de famílias benfeitoras. Essas ações contribuíram muito para a manutenção da missão. O sonho de expansão as levou, para além do Rio de Janeiro, aos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Bahia.

Com o passar do tempo, as Oblatas revisitaram as origens do carisma, deixaram de atuar com meninas nos educandários e voltaram-se definitivamente a atender mulheres que exercem a prostituição e/ou são vítimas do tráfico para fins de exploração sexual, por meio de projetos sociopastorais nas cidades de Juazeiro, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo, numa ação articulada como Rede Oblata Brasil desde 2003.

Atualmente, cada unidade da Rede estabelece e firma diversas parcerias, estendendo sua ação no campo do advocacy e sensibilização da Igreja e da Sociedade. Pela fé, confiança e ação social, juntas e juntos trabalhamos para tornar mais justo e menos vulnerável o caminho das mulheres em contextos de prostituição.



**Sirley da Silva**  
Oblata do Santíssimo Redentor





# Pastoral da Mulher

**“Na luta por justiça social”**



## HISTÓRIA

**A Pastoral da Mulher - Unidade Oblata em Juazeiro/BA** - é uma instituição que há mais de 40 anos desenvolve um trabalho social com mulheres que exercem a prostituição. O trabalho teve início em 1978, sob a direção da Diocese de Juazeiro/BA, com Dom Tomás Guilherme Murphy, o primeiro bispo da cidade, o qual se sensibilizou com a realidade de exclusão que viviam as mulheres e contou também com um grupo de pessoas voluntárias, o qual se sensibilizou com a realidade de exclusão que viviam as mulheres.

A priori o trabalho pastoral foi desenvolvido em um pequeno espaço, que recebeu o nome de Escola Profissional São José. Um ano depois as atividades foram se expandindo e a partir daí surgiu a necessidade de criação de um novo espaço para acolher as mulheres. Com isso, foi inaugurada,

em 1979, a Escola Senhor do Bonfim – em homenagem ao santo de devoção típica do povo baiano – onde hoje é a sede da Pastoral da Mulher.

Com a chegada do segundo bispo na Diocese, Dom José Rodrigues, em pleno contexto da construção da Barragem de Sobradinho, época denominada pelo povo e movimentos sociais como um período de grande injustiça social, chegaram à cidade de Juazeiro/BA, em 1981, as Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, para assumir a coordenação do trabalho juntamente com as equipes de agentes da pastoral. Desde então, a atuação institucional objetiva promover inclusão e justiça social e fomentar o empoderamento feminino, além de acolher e fortalecer as assistidas para o acesso e a defesa de direitos individuais e coletivos.







# Diálogos pela Liberdade

*“Acreditamos no diálogo como forma de superação dos conflitos, do preconceito e da exclusão social.”*

## História

O Projeto Diálogos pela Liberdade nasceu em 1982, com o nome de Associação da Pastoral da Mulher Marginalizada, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, organizada por religiosas(os) e leigas(os) com o objetivo de atender as mulheres que exerciam a prostituição nos bairros da Lagoinha e Bonfim, região de acentuada concentração de prostíbulos em Belo Horizonte.

Superando desafios e dificuldades, a Pastoral da Mulher foi conquistando crescente aceitação entre as mulheres, além de grande capacidade de articulação com grupos e



movimentos afins. Em 1994, conquistou o Certificado de Utilidade Pública Municipal e os registros na Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social (SETAS).

Com a revitalização do Bairro Bonfim, a prostituição migra para o centro da capital mineira, na região da rua Guaicurus e entornos. Em 2000, a Pastoral da Mulher estabelece uma nova sede no eixo central da prostituição de Belo Horizonte e, após a inauguração, o espaço foi nomeado pelas mulheres como “Cantinho da Paz”.

A Pastoral da Mulher Marginalizada, nome jurídico da instituição, contou com forte participação de religiosas/os de várias congregações, e as Irmãs Oblatas, em diferentes momentos, estiveram na coordenação das atividades. Em 2012, após reflexão com as pessoas associadas, a Pastoral passa a ser uma unidade da Rede Oblata e, nesse mesmo ano, a partir da escuta das mulheres acolhidas sobre o termo “marginalizada”, que reforçava o estigma e uma localização social que elas estavam tentando romper, decidiu alterar o nome para Pastoral da Mulher. Em 2016, buscando consolidar ainda mais a sua atuação



no território, a Unidade Oblata passa a se chamar Diálogos pela Liberdade.

A partir do olhar atento às demandas e necessidades apresentadas pelo público atendido, a Unidade Oblata amplia suas atividades promovendo cursos profissionalizantes, atividades recreativas e de educação informal, terapias holísticas, atendimentos psicológico e social, grupos de economia solidária, debates sobre a realidade e luta por direitos, apoiando, inclusive, coletivos de mulheres da região que lutam por esses objetivos.



# Força Feminina

## História

Os primeiros passos da missão das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor em Salvador, na Bahia, foram dados em 1997, com participação nas atividades das Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), no bairro de Lobato. Ao mesmo tempo, as Irmãs foram se articulando com grupos, organizações e voluntários que já desenvolviam trabalhos com as mulheres que exerciam a prostituição no centro da cidade e, em ação conjunta, começaram a compartilhar experiências e pensar práticas para atender as demandas dessas mulheres.

Em 1998 as Irmãs, em articulação com alguns setores, conseguiram espaços cedidos pelas Igrejas São Francisco de Assis e Conceição da Praia, na região central da cidade, onde promoveram oficinas de artesanato e atendimentos socioeducativos para mulheres que atuavam na prostituição.



Esse início permitiu que as Irmãs e as leigas(os) envolvidas(os) conhecessem a realidade das mulheres que atuavam na prostituição no centro da cidade. Por meio da escuta, dando vozes às mulheres, foram conhecendo suas percepções, valores, maneiras de ser, agir, pensar, e constataram que elas desejavam um espaço onde pudessem ser acolhidas. Sendo assim, em 2000 fundou-se o Projeto Força Feminina com Sede no Centro Histórico, local estratégico da prostituição na cidade, que integra a rota do turismo sexual.

O Projeto Força Feminina, com mais de 20 anos de história, por meio de ações articuladas vem ampliando o território de atuação e desenvolvendo trabalhos in loco, atendendo as mulheres que exercem a prostituição em alguns bairros, orlas e locais mais distantes da Sede.



**“Construção conjunta pela conscientização e humanização das mulheres que exercem a prostituição.”**





# Projeto Antonia

“A luta de cada mulher”

## História:

O Projeto Antonia, em sua origem conhecido como Espaço Mulher – Vida, iniciou seus trabalhos em 2005, a partir de uma pesquisa realizada por duas religiosas Oblatas do Santíssimo Redentor e uma cientista social, para conhecimento da realidade da prostituição na cidade de São Paulo. As pesquisadoras procuraram realizar um diagnóstico que objetivava identificar as instituições (públicas, terceiro setor, religiosas) que trabalhavam com mulheres em contexto de prostituição na cidade e fazer um mapeamento dos locais com maior concentração de prostituição. Os resultados da pesquisa demonstraram um grande número de mulheres exercendo a prostituição na região de Santo Amaro sem a presença de instituições dedicadas especificamente a esse público.

No ano de 2006, as Irmãs Oblatas foram a campo e começaram a realizar visitas às ruas, praças e locais onde as mulheres se encontravam, como forma de aproximação e para reuni-las no espaço cedido pelo Paço Cultural Júlio Guerra, mais conhecido como Casa Amarela, ao lado da Praça Floriano Peixoto.

Para melhor atender as demandas apresentadas pelas mulheres, em 2007 foi inaugurada a primeira sala com a presença delas, nas proximidades dos locais de prostituição. A abertura da sede facilitou o crescimento do Projeto e, em 2008, foi necessário ampliar a equipe. No mesmo ano, a partir das reflexões da equipe, foi escolhido, em homenagem à Antonia Maria de Oviedo e Schönthal,



fundadora da Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, o nome: Projeto Antonia.

A partir de 2011, por meio da parceria com o Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA de Santo Amaro, que fazia um trabalho de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis no território, o Projeto Antonia passou a acessar os diversos estabelecimentos (prives e boates) de prostituição na região. Com a ampliação do campo de atuação, o espaço de atendimento às mulheres tornou-se pequeno, e em 2013, a Sede foi transferida para um espaço mais amplo também situado nas proximidades dos locais de atuação das mulheres.





# Nossa atuação

As Unidades da Rede Oblata no Brasil contam com uma equipe multidisciplinar em sua maioria composta por: Coordenadora, Assistente Social, Educadora Social e Auxiliar Administrativo Financeiro, e em algumas Unidades: Monitora(or), Auxiliar de Educadora Social, Auxiliar de Limpeza, Estagiárias(os), Psicóloga e Voluntárias(os) para o atendimento e acompanhamento especializado às mulheres que exercem a prostituição. Para tanto, são garantidos espaços de reflexão e ação, oportunizando melhores direcionamentos e intervenções junto à prática. Nossa atuação tem como diretriz a Proposta Pedagógica Oblata, fundamentada numa pedagogia libertadora e resiliente, que leva em consideração a complexidade do contexto da prostituição.

A atuação das Unidades está organizada em três frentes:

**Abordagem** que possibilita o contato e Aproximação por meio da busca ativa nos locais em que as mulheres exercem a prostituição com o objetivo de informar a respeito dos direitos e incentivar o acesso a eles.

## Dados baseados nos últimos 5 anos (média):

- **5000** aproximações na abordagem
- **13.500** atendimentos na acolhida
- **800** mulheres vinculadas às unidade

**Acolhida** é realizada na sede de cada Unidade e/ou de forma virtual, sendo um momento de escuta das demandas das mulheres de maneira individual e/ou em grupo, possibilitando orientações, encaminhamentos e acompanhamentos aos serviços de saúde e socioassistenciais.

**Sensibilização/Advocacy** visa ampliar o conhecimento público sobre a realidade das mulheres que exercem a prostituição e/ou são vítimas do tráfico para fins de exploração sexual. Busca criar práticas políticas com a finalidade de influenciar o Poder Público nas ações que venham a atender as demandas das mulheres.



## Missão

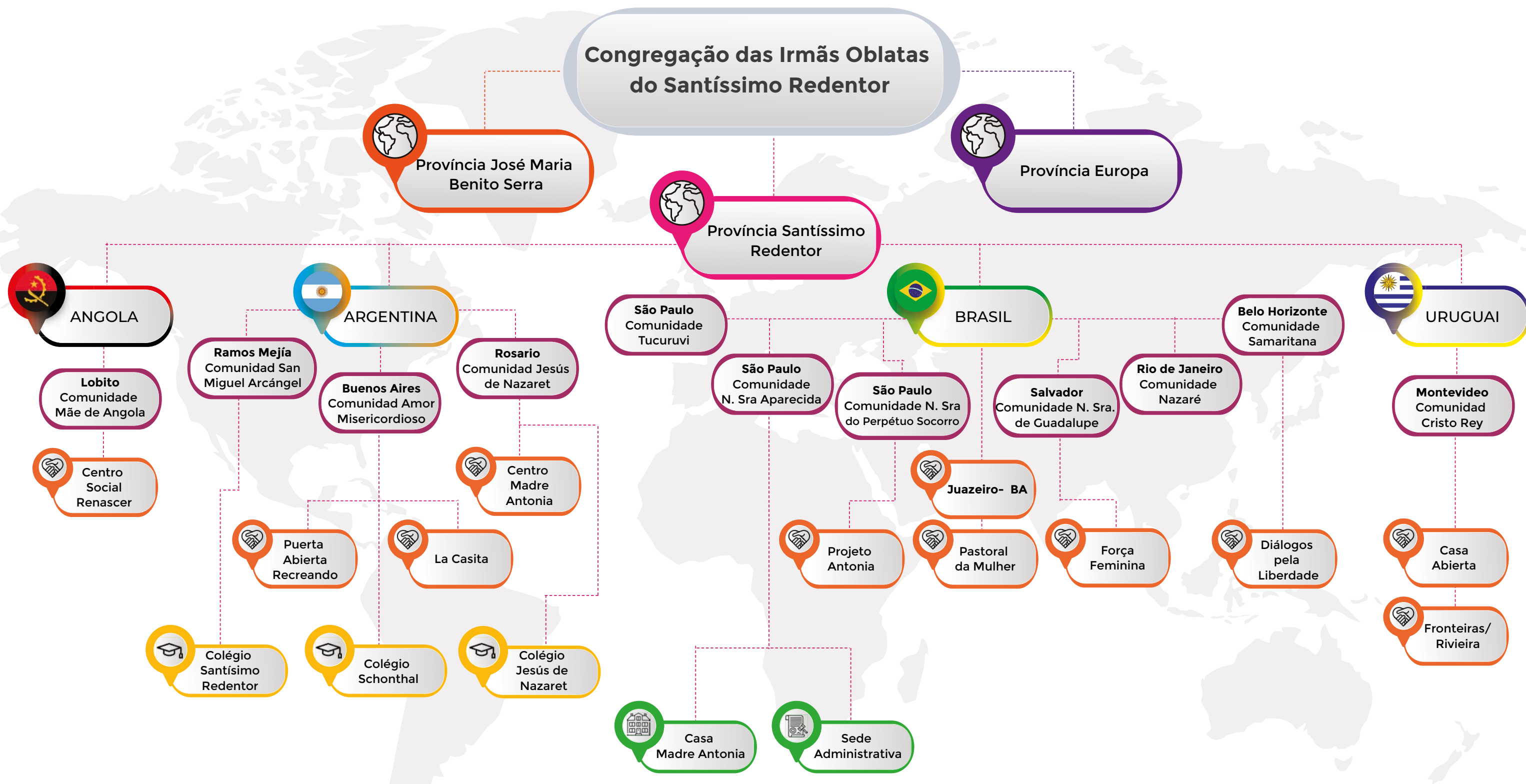
A missão Oblata, inspirada na ação evangelizadora de Jesus, se dá no compromisso de solidariedade e no caminho compartilhado com mulheres que estão em contextos de prostituição e/ou são vítimas de tráfico para fins de exploração sexual. Uma missão que nos envolve na defesa de seus direitos, na busca de oportunidades de promoção e inclusão e nos leva a estabelecer relações de cumplicidade, de reconhecimento e igualdade.

**PRINCIPAL FINANCIADOR:** Contribuição Financeira aos Projetos Apostólicos (COFIPA). Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor – Brasil

**FINANCIADORES EXTERNOS:** Fundação Serra-Schönthal – Madri - Espanha; Sociedade Civil Casas de Educação (SCCE) das Religiosas do Sagrado Coração de Maria - Belo Horizonte - MG; Grupo de Religiosos Inseridos nos Meios Populares (GRIMPO) - Salvador – BA; Paróquia de São Pedro – Salvador – BA, entre outros colaboradores.



# Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor





# Rede Oblata Brasil no atendimento às mulheres em tempos de pandemia

Diante da frase do Pe. José Maria Benito Serra, fundador do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, iniciamos a nossa reflexão sobre “o novo normal” –realidade de pandemia que chegou de mansinho e tem afetado todas as estruturas humanas, sociais e ecológicas do planeta. Contudo, não podemos deixar de mencionar que a natureza tem conseguido “respirar”, o que foi possível graças ao nosso distanciamento. Se vivêssemos numa “Ecologia Integral = família humana + casa comum”, em que existisse equilíbrio, respeito e sustentabilidade, provavelmente estaríamos vivendo melhor, sendo inclusive sinal de maturidade. Acredito que a natureza tem muito a nos ensinar neste momento histórico para a Humanidade.

## Brasil da desigualdade

Que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, todas/os o sabemos. Provavelmente a interpretação de tanta desigualdade seja compreendida de formas diferentes. Atualmente tem se tornado cada vez mais comum no Brasil, e porque não dizer em tantos outros países, a justificação da desigualdade por meio de um “senso comum” raso, fundamentado em assombrosos desatinos políticos, que não tem feito outra coisa senão reforçar a negação de direitos humanos, políticos e sociais, por meio do autoritarismo/fascismo e do ideal de onipotência que direta ou indiretamente seleciona as vidas que devem morrer ou viver (**necropolítica**).

Diante desse cenário o conceito de “meritocracia”– justificativa do “sucesso” ou “fracasso” do indivíduo medido exclusivamente pelo “esforço” pessoal sem levar em conta as dificuldades de acesso aos direitos fundamentais e as violências estruturais – se alastra. Quando se fala em violações de direitos fundamentais, o provimento de

*“Se todas as portas se fecham, eu lhes abrirei uma”.*



necessidades básicas, alimentação, por exemplo, pode soar como assistencialismo. Visto por outro ângulo, na realidade que vivemos, pode ser o necessário naquele momento para que a mulher consiga continuar vivendo, o que não desassocia do nosso objetivo de promoção da vida, ao contrário, nos leva a compreender a complexidade da vida e encontrar medidas eficazes para a resolução dos problemas demandados.

## Isolamento social e os gritos das mulheres desamparadas

Desde o início da pandemia, a realidade tem nos surpreendido ao impor o isolamento social como medida de prevenção contra a proliferação do coronavírus e pressuposto para “continuar vivendo”. A partir daí nossos projetos tiveram as portas (físicas) fechadas e de nossas casas continuamos trabalhando virtualmente, mas com os nossos sentidos aguçados nos “gritos” de tantas mulheres desesperadas, desamparadas e desesperançadas que nos pedem socorro.

Em Belo Horizonte, atuamos no hipercentro da capital mineira, onde está situada a sede da Unidade Oblata Diálogos pela Liberdade. Nessa região, também conhecida como “Sobe e Desce”, mais de 3 mil mulheres exercem a prostituição nos hotéis da Rua Guaicurus e arredores. Encontramos mulheres de toda parte do país. É comum atendermos mulheres que são acompanhadas pelas unidades da Rede Oblata Brasil nos estados da Bahia e São Paulo. A prostituição na região é marcada por uma alta rotatividade.

### Ao traçarmos o perfil geral do público atendido, temos:

- Mulheres cisgênero;
- Faixa etária: 18 a 73 anos; Raça/cor/etnia: negras (a maioria);
- Escolaridade: de analfabetas ao ensino superior completo (a maioria não terminou o ensino fundamental);
- São mães (primeira gestação ainda na adolescência);
- São as principais responsáveis pelo sustento da família (monoparental feminina).

Com o fechamento dos hotéis, os problemas vivenciados pelas mulheres se desvelaram de forma assombrosa, o que nos fez compreender a crueldade do sistema capitalista, que fundamentado em alicerces patriarcais/machistas, classistas, racistas, pode tornar a realidade ainda pior do que a presenciada cotidianamente nos atendimentos em nossos Projetos.

## Acesso aos benefícios sociais

No Brasil, o governo ampliou as ações de Assistência Social a nível federal, com o Auxílio Emergencial, porém, para ter acesso aos benefícios sociais é necessário estar dentro dos critérios estipulados. Muitas mulheres atendidas pela Rede Oblata se enquadravam nos critérios, mas não tinham as ferramentas necessárias para acessar o benefício. As dificuldades eram diversas, desde não estarem cadastradas no CadÚnico (ou cadastro desatualizado, não receberem o Benefício Bolsa Família), à falta de documentos (erros, documentos desatualizados/cancelados, etc.). Sem contar os problemas apresentados no manuseio de aparelhos tecnológicos (celular), o que tem sido fundamental para acesso aos programas virtuais do governo, como é o caso do aplicativo “Caixa Tem” da Caixa Econômica Federal. O que não é de se estranhar são as demoras e problemas nesse sistema que, não suportando a sobrecarga, tende a dar erros constantes, o que continua acontecendo.

Percebemos que as mulheres têm sido bem assistidas no acesso a cestas básicas de várias organizações da sociedade. Atualmente temos conseguido cadastrar mulheres que trabalham na prostituição para receber as cestas básicas pela Prefeitura de Belo Horizonte, o que tem sido de grande ajuda, pois a maioria reside na região metropolitana, o que é um dificultador ao acesso. Entre as várias organizações que se mobilizaram para auxiliar as mulheres desassistidas, destacamos os coletivos (Clã das Lobas e Rebú), e a APROSMIG (Associação de Prostitutas de Minas Gerais). Essas organizações são lideradas por mulheres (cis e trans) que trabalham na prostituição e reivindicam direitos na atividade prostitucional.



As parcerias se fazem necessárias no desenvolvimento do nosso trabalho. Como o Estado não consegue embarcar todas as mazelas da sociedade, o que reconhecemos ser na maioria das vezes por falta de uma gestão eficaz e eficiente, ou simplesmente por comodismo dos gestores, nós, Missão Oblata, não conseguimos responder a todas as necessidades demandadas pelas mulheres, nosso público prioritário, mas podemos formar e fortalecer parcerias com instituições governamentais e não governamentais. Aqui entra um dos nossos objetivos que é a Sensibilização Social e o Advocacy. Compreendemos hoje a necessidade de refletirmos com os diversos setores sociais sobre a realidade das mulheres que exercem a prostituição. A Rede Oblata tem crescido nesta compreensão. Se não formamos as nossas parcerias para o atendimento das mulheres encaminhadas significa que elas sofrerão mais uma vez com o estigma e o preconceito, inclusive de setores governamentais. O estigma tende a marcar a subjetividade das mulheres de forma tão cruel que elas terminam por introjetar e viver da forma como foi “reconhecida”, o que chamamos de auto-estigma.

A maioria das mulheres que atendemos não possui casa própria. Esta é mais uma grande lacuna em suas vidas. Muitos foram os casos de mulheres que tinham alimentação, mas precisavam do Auxílio Emergencial para pagar o aluguel, com ameaça de serem despejadas. Com os problemas para acessar o benefício do governo, muitas continuam trabalhando em plena pandemia. Não faltaram iniciativas de proprietários/as de hotéis oferecendo a oportunidade de “ganhar um dinheirinho rápido” e resolver o problema:

### A pobreza além da falta de renda

A realidade das mulheres com as quais trabalhamos é marcada pelo sofrimento social. Como bem conceitua a socióloga Carla Bronzo, dialogando com o pensamento de Amartya Sen e outros pesquisadores da área, precisamos ampliar nossa compreensão de pobreza para além da falta de renda (pobreza objetiva), o que é um grande problema, sem dúvida, mas compreender também a pobreza como a falta de dignidade, capacidade e privação de liberdade (pobreza subjetiva). Contudo, falar de pobreza é falar de um

problema “multidimensional, heterogêneo e psicossocial”, o que podemos constatar nas entrelinhas da frase da dona do hotel.

Em Belo Horizonte, apesar das recomendações de distanciamento social e o decreto que suspendia o funcionamento de serviços que não fossem essenciais, muitos hotéis de prostituição do hipercentro continuaram abertos, situação que persistiu mesmo quando a vigilância epidemiológica na cidade estava em alerta com o aumento dos casos de contaminação e de óbitos. Sabemos que as mulheres precisam trabalhar, como muitas delas defendem, até mesmo porque a situação de privação é extrema (pobreza objetiva e subjetiva).

A crítica aqui se refere à audácia dos estabelecimentos, além de não serem “regulamentados” (de acordo com o Código

Penal Brasileiro), são considerados espaços “essenciais” que devem permanecer abertos para atendimento da população. Qual população? Eu me pergunto: Essenciais a quem? O número de desempregados tem crescido consideravelmente. Muitas pessoas de outros estabelecimentos comerciais perderam o emprego, e ainda assim esses espaços continuaram fechados por ordem governamental. Percebe-se que os hotéis de prostituição funcionam como que num “Estado de Exceção”. Ainda mais quando as vidas colocadas em risco são as de mulheres que são vítimas de um sistema complexo de desigualdades múltiplas como as relatadas anteriormente.

Recordo da ligação de uma mulher desesperada ao saber que suas colegas estavam trabalhando no auge da proliferação

do vírus. Ela dizia: “se muitas pessoas estão morrendo por causa dessa pandemia sem o atendimento que devia ter, imagine nós que somos prostitutas. Aí que eles vão deixar morrer mesmo!”. Faço minhas as perguntas de Judite Butler:

*“...em que circunstâncias é possível lamentar uma vida perdida? De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? Quais são essas vidas que, se perdidas, não serão consideradas em absoluto uma perda? É possível que algumas de nossas vidas sejam consideradas choráveis e outras não?”*

### Em tempos de pandemia, as portas abertas são as do coração

Enfim... “Se todas as portas se fecham, eu lhes abrirei uma”. E realmente uma porta foi aberta e a partir dessa muitas outras se abriram. Em tempos de pandemia as portas abertas são as do coração. A profecia do Pe. Serra se fundamenta no ideal evangélico de Cristo. Essa é a Missão Oblata no mundo, atuando como “Corpo Congregacional” nas “fronteiras geográficas, existenciais e virtuais” e para além delas, pois acreditamos na “utopia” de uma vida plena. É a própria audácia do Espírito que nos impulsiona na caminhada e na luta de “viver e deixar viver”. Somente à luz do Redentor conseguiremos enxergar o caminho indicado pelas mulheres que exercem a prostituição e nos deixar inquietar pelas injustiças apresentadas e vividas. Missão Oblata no mundo é anunciar a vida plena, denunciando todas as estruturas que geram “violências”, opressão e morte.



*“... Então vocês têm que vir, senão não tenho como abrir. Porque o homem está entrando aqui no hotel, procurando mulher, mas não tem. Então vocês têm que dar um jeito de vir. Senão não tenho como abrir o hotel.” (dona de hotel).*



**Lucinete dos Santos**  
Assistente Social

Diálogos pela Liberdade  
Rede Oblata Brasil



# O adoecimento psíquico na perspectiva da violação dos direitos humanos na prostituição

A fragilidade causada pela vulnerabilidade social mostra que as pessoas que exercem a prostituição se prostituem por questões estruturais, seja da ordem das necessidades básicas, desemprego, sustento familiar, influência de familiares e amigos, bem como das questões originariamente simbólicas, vinculadas aos códigos sociais e culturais vigentes em uma sociedade patriarcal-capitalista. Conforme observamos, nos quinze países onde a missão Oblata atua, a prostituição tem sido uma opção de renda, especialmente para as mulheres pobres/negras, das periferias, imigrantes submetidas a muitas formas de vulnerabilidade, sendo essa “escolha”, notadamente marcada por um viés de gênero, raça e classe social.

Como afirma Beatriz Gimeno, prostituição tem a ver com tudo: *“com a ética e a moral na medida em que se interliga com as relações humanas; com a sexualidade e com as diferentes concepções acerca do sexo; com a construção social e o desejo; com a distribuição de papéis sociais e sexuais e o desigual repartir de poder entre homens e mulheres; com a renda material, mas também simbólica; com o capitalismo, a exploração trabalhista, a pobreza, a globalização, as desigualdades; com o mercado e a lei da oferta e da procura; com o consumo exacerbado e a necessidade de satisfazer de imediato as necessidades; com o individualismo sem conexão com a comunidade”*.

(Del Pozo, Maria Luiza, 2015)

## A indústria do sexo e o modelo cultural androcêntrico patriarcal

A indústria do sexo é altamente lucrativa para aqueles que exploram a atividade prostitucional (cafetões, agenciadores, proxenetas), tendo muitos interesses em jogo. E, na visão dos que detém o poder econômico, “é um negócio como outro qualquer” e como tal deve gerar lucro. Sendo assim, os hotéis de prostituição funcionam sem a preocupação de criar protocolos de saúde, higiene e segurança, como que num “Estado de Exceção”, em que não há ordenamento jurídico, mas sim leis e regras próprias. Mesmo estando à margem da lei há um silêncio e conivência social que permitem o funcionamento dos estabelecimentos de prostituição sob o pretexto de “mal necessário”, “essencial” para atender as exigências sexuais de um modelo cultural androcêntrico patriarcal e machista.

Por outro lado, para as mulheres, entre outras questões, trata-se especialmente da sobrevivência. Dessa forma, elas fazem vista grossa aos possíveis riscos de adoecer, já que têm medo de perder a fonte de renda para o próprio sustento.

**“Como é possível que não haja mínimos para todos e que a riqueza esteja tão mal repartida? Somos pessoas, não objetos sexuais. Temos direitos”.**

*(mulher atendida pela Rede Oblata)*

A atividade prostitucional é exercida sob grande pressão emocional e alguns fatores podem ser considerados com alto potencial desencadeante de adoecimento mental. Podemos citar: a grande pressão econômica imposta pelos altos valores cobrados pelo aluguel do quarto onde atendem os clientes, o baixo preço dos programas, a incerteza cotidiana de que conseguirá auferir ganhos suficientes para suprir as despesas, o medo de sofrer ameaças, violências ou ser contaminada por doenças sexualmente transmissíveis; a insalubridade e a precariedade dos locais.

É importante ressaltar que, para além das necessidades econômicas, as mulheres têm uma relação ambígua com o espaço de exercício da atividade prostitucional e com as pessoas que ali transitam e trabalham (gerentes, seguranças, proprietários, clientes e outros). Ao mesmo tempo em que se sentem exploradas pelas condições precárias do lugar, pelo desrespeito de alguns funcionários e clientes, ali também é sua “casa”, já que passam grande parte do dia ou mesmo moram nos quartos que alugam. Casa e trabalho se misturam no mesmo ambiente.

A restrita separação entre a vida pessoal e a vida laboral, o grande número de parceiros com várias demandas sexuais gera na pessoa um sentimento de ser tratada como objeto, causando baixa autoestima.

## Uma atividade estigmatizante

Trata-se de uma atividade estigmatizante, para a qual não há reconhecimento social, pelo contrário: há um desprestígio e a ideia fantasiosa de que por meio do esforço pessoal é possível deixar a prostituição. Desconsidera-se que, numa sociedade desigual, superar as dificuldades de acesso aos meios de desenvolver capacidades instrumentais que permitam ampliar as oportunidades de pleno exercício das liberdades individuais, não depende de empenho pessoal. Antes se faz necessário a criação de políticas públicas que assegurem a possibilidade de ter educação, saúde, moradia, trabalho, as quais garantam o respeito e a dignidade das pessoas.

Nesse contexto, considerando o funcionamento restrito e fechamento de alguns hotéis de prostituição do hipercentro



de Belo Horizonte em função da pandemia de COVID-19, o Projeto Diálogos pela Liberdade BH – Rede Oblata Brasil, detectou a necessidade de iniciar uma articulação com parceiros públicos e privados e com os coletivos de mulheres que se denominam profissionais do sexo, para atender às demandas expressas naquele momento pelas mulheres que aí exercem a prostituição: acolhimento, atendimentos virtuais, passagens para que pudessem retornar a seus lugares de origem, alimentação, orientações para acessar os benefícios socioassistenciais, dentre outros.

Desde o início da pandemia outros matizes foram acrescentados ao cenário inicial. Algumas mulheres tiveram acesso aos benefícios emergenciais oferecidos pelo governo, porém alegam não ser suficiente para manter os custos necessários à subsistência (aluguel, água, luz, diversos compromissos financeiros, cuidados com a família). Já outras não conseguiram acessar tais benefícios, principalmente por não dispor da documentação necessária. A necessidade de sobrevivência exigiu que elas retornassem às suas atividades colocando em risco a própria saúde.

A pandemia de COVID-19 potencializou todos os transtornos que já observamos no âmbito prostitucional: ao ambiente de pressão e estresse contínuo somaram-se os sentimentos de desesperança, frustração, solidão, incompreensão, culpa, ansiedade, insônia, irritabilidade, medo, insegurança, pensamentos negativos, dentre outros.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde/ Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS): “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade”, levando a conclusão de que a saúde mental é mais do que a ausência de transtornos mentais ou deficiências. Em que pesem fatores psicológicos, biológicos, genéticos e de personalidade específicos que podem tornar as pessoas suscetíveis ao adoecimento mental, consideramos o sofrimento psíquico como um mal-estar social que se manifesta no campo psíquico pessoal.

## SAÚDE MENTAL E CIDADANIA

A promoção da saúde mental depende em grande parte de estratégias intersetoriais que protejam os direitos básicos, políticos, socioeconômicos e culturais, oferecendo equidade de oportunidades a todos. Pressupõe a garantia de direitos fundamentais que viabilizem o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas que possibilitem a pessoa humana atingir o seu fim último, o seu bem, a sua felicidade, que em última instância é a possibilidade de se afirmar como sujeito agente de sua própria história.

Para que as mulheres atendidas por nós possam se fortalecer como sujeitos de sua própria história buscamos escutá-las em suas necessidades e dores para que

fortaleçam sua capacidade de resiliência e resistências diante das adversidades cotidianas.

Procuramos promover a ética do cuidado, nos colocando como seres humanos diante de outro ser humano que solicita de nós respeito à sua dignidade. À medida que criamos um ambiente de aceitação incondicional, as ajudamos a expressar seus medos, frustrações, o reconhecimento de suas vulnerabilidades e as conectamos com suas potencialidades.

Entretanto, consideramos que a gravidade da situação exige que várias frentes de trabalho se articulem para ampliar o apoio e o atendimento às mulheres.

“Faz parte da rotina diária de meu trabalho acolher e ouvir as mulheres que exercem a prostituição. São treze anos de aprendizado cotidiano. Lido com dores existenciais, geralmente, marcadas por privação de direitos humanos fundamentais, aos quais todo ser humano deveria ter acesso para garantir sua dignidade.

Como psicóloga sou interpelada a dar “respostas” às dores que me são relatadas, mas minha angústia pessoal somente possibilita a formular perguntas. Habito um corpo de mulher, meu corpo registra cada dor que ouço.”



**Isabel Cristina Brandão**

**Psicóloga**

Diálogos pela Liberdade  
Rede Oblata Brasil

**Nos perguntamos então: quais meios e oportunidades podemos criar para minimizar o impacto da pandemia na vida das mulheres que exercem a prostituição?**

### Referências:

- DEL POZO, Maria Luiza. Interpelação ética das mulheres que exercem prostituição e são vítimas do tráfico com fins de exploração sexual.
- SEN, Amartya. O desenvolvimento como Liberdade.
- <https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>
- Pedagogia Oblata: acolher e ouvir as mulheres que exercem a prostituição - Disponível em [oblatassr.org](http://oblatassr.org)



# Espiritualidade Oblata e Visão Holística

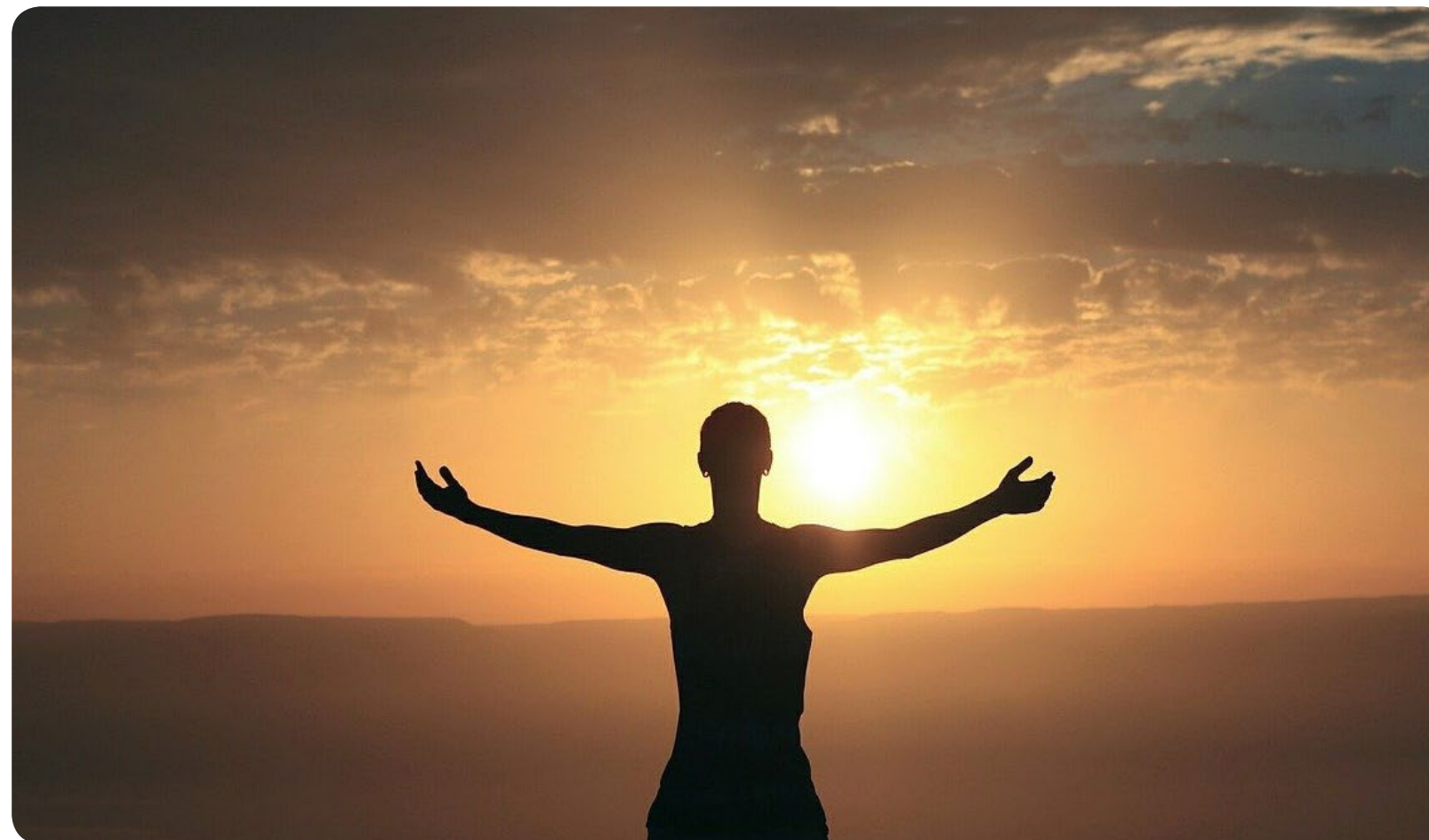
A espiritualidade é um dos pilares que sustenta nossa vida e a missão Oblata junto às mulheres que exercem a prostituição ou que são vítimas de tráfico para fins de exploração sexual. É o “motor” que dá sentido e move nossa esperança diante dos desafios de cada dia. O contato constante com a realidade de sofrimento, miséria, violência, injustiça social, entre outros fatores que envolvem o contexto das mulheres, nos “comove as entranhas”, pois são corpos humanos, muitas vezes agredidos, violados, desrespeitados e invisibilizados na sua integridade. O cultivo da espiritualidade individual e coletiva nos fortalece, mantém viva a esperança e dá sentido às nossas ações.

A palavra espiritualidade é derivada das raízes: Spiritus, palavra masculina que vem do latim; Pneuma, palavra neutra do grego e Ruah, palavra feminina que é do hebraico. A Ruah aparece no Primeiro Testamento da Bíblia, como vento, o ar que possibilita a vida. “... e um vento impetuoso soprava sobre as águas” (Gn 1,2). No Segundo Testamento, a palavra pneuma como sinônimo de Ruah quer dizer sopra da vida. Hélyda Di Oliveira, em sua tese de doutorado em Ciências da Religião, *Espiritualidade holística: Contribuições da Universidade Internacional da Paz (2020)* afirma que “estes três conceitos, spiritus, ruah e pneuma, com o passar do tempo associam-se à alma (do latim), nefesh (hebraico) e psiquê (grego), que passam a fazer referência à alma como correspondente à dimensão psíquica do ser humano.” Desde a raiz, a palavra espiritualidade expressa vida, ar, ligação entre a pessoa humana e a divindade. A espiritualidade é o sopro que faz pulsar o coração, anima, impulsiona, dá forças e dá sentido à vida, mesmo quando a situação é de extremo desafio.

Um dos marcos referenciais da Proposta Pedagógica da Rede Oblata Brasil, *Espiritualidade e Mística*, ressalta que a “espiritualidade não é algo pronto, é um caminhar na história,

é uma energia que brota do encontro com o sagrado e a divindade, que se nutre na convivência com a realidade das mulheres nos projetos e na escuta da Palavra de Deus”. É um jeito de ser, de atuar que se manifesta na forma de acolher, escutar, ou seja, revela-se através de atitudes concretas junto às mulheres.

A vivência da espiritualidade na nossa atuação nos leva a conectar com os aspectos humanos, nos convoca a romper fronteiras religiosas que nos impedem de promover a vida, sobretudo junto às pessoas mais vulneráveis. É a força da Ruah que nos motiva e nos convoca a sair de nós mesmas(os) para ir ao encontro de quem mais necessita de nossa presença e apoio.



## Espiritualidade Oblata

**Encarnação** e **Redenção** são eixos centrais na espiritualidade Oblata, que se traduzem em gestos humanos de misericórdia, compaixão, acolhida, proximidade e alegria.

Na **Encarnação**, Deus se torna humano através de Jesus Cristo. O Filho de Deus não se prevaleceu de sua condição divina para tornar-se humano, se fez pessoa no meio da Humanidade. “E o verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). Esse versículo do evangelho de João nos mostra o princípio para compreender a Encarnação de Jesus.

A palavra **Redenção** é encontrada tanto no Primeiro quanto no Segundo Testamento. No Primeiro, redenção vem do latim red-émere que significa voltar a comprar, readquirir e possui também o sentido de restaurar. O texto: “El Goel en el Antiguo Israel de Alicia Winters – Revista Ribla, (1994)

afirma: “O verbo Ga'al muitas vezes se traduz no sentido geral de “resgatar” ou “restaurar” a propriedade, pessoa ou honra de alguém”. Para a autora, as palavras redenção e redimir estão relacionadas à voz de Deus concedendo ajuda solidária a pessoas vulneráveis do antigo Israel. No Segundo Testamento, a redenção é expressa pelos símbolos e conceitos de salvação, libertação, perdão, reconciliação, oferta, entre outros. A redenção, desde a ótica bíblica, manifesta-se no mistério da salvação. Jesus nasce no meio do povo humilde, se coloca a serviço das pessoas mais pobres, discriminadas, excluídas e entrega sua vida em uma cruz por amor incondicional à Humanidade.

A espiritualidade redentora, vivenciada pela Família Oblata – religiosas, leigas e leigos - atualiza-se no contato cotidiano com as mulheres que exercem a prostituição. A realidade de pobreza, exclusão, preconceito, injustiça social, exploração sexual e econômica, na qual vivem as mulheres, nos convoca à ação solidária, nos impulsiona a ser presença de Jesus Redentor – Libertador junto delas, sendo portadoras de esperança e atuantes contra as injustiças que as afetam em diversas esferas da sociedade. É um processo de resgate da força da vida, existente nas próprias mulheres, que nos motiva a fazer um caminho juntas, como protagonistas do próprio processo de libertação. Antonia Maria da Misericórdia, fundadora do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, ao expressar: “Quero que vejam nelas a imagem do Redentor”, nos convida a ver a imagem de Jesus Redentor nas mulheres.

Encarnação e redenção, a cada momento da história, vão se ampliando e ganhando novos “tons” segundo as constantes mudanças da realidade. A espiritualidade deve estar em plena sintonia com o contexto do Mundo, da Igreja e da Humanidade, sendo assim, a Família Oblata está em processo contínuo de atualização. Neste momento, alguns dos principais documentos que orientam a vida e missão da mesma – *Constituições e Diretório* – estão sendo objeto de estudo e reflexão à luz da Teologia, da Igreja, dos movimentos sociais em favor da vida e a partir da vivência da missão junto às mulheres, entre outros.



## VISÃO HOLÍSTICA

Segundo Silvio L. Woliz de Almeida Júnior (2010), o holismo é o todo nas partes e as partes no todo, ou seja, o todo é mais do que uma simples soma das partes, é uma nova compreensão para as ciências e convida a uma espiritualidade integradora. Esse paradigma pede de nós uma postura espiritual que envolva contemplação da natureza, respeito, cuidado como princípio ético, vida harmônica com o ecossistema. Uma espiritualidade capaz de assumir e expressar em tempos de mudanças, transformações e desafios, a atualização dos valores do evangelho no contexto. A espiritualidade holística é compreendida como a integração das inteligências racional, emocional e espiritual, o que pode ser uma nova forma de compreender a própria espiritualidade.

Frei Betto, ao falar sobre Espiritualidade Cósmica e Holística, no site Theologica Latinoamericana - Enciclopédia Digital, menciona a integração da pessoa humana segundo a Física Quântica. Segundo essa teoria, no interior do átomo, matéria é energia e energia é matéria. O escritor recorda Teilhard de Chardin (1963) ao dizer que o Universo é expressão sensível de uma profunda densidade espiritual. Isto é, toda matéria que forma a natureza é energia condensada. Não se trata de acreditar que todas as coisas são deuses, o panteísmo, mas Deus se manifesta em todas as coisas, segundo o olhar da pessoa mística.

A vivência da espiritualidade Oblata com esse “tom” holístico passa pelas atitudes cotidianas de cuidado com o planeta, com o cosmo, desde o uso responsável da água e da luz, a seleção dos objetos de descarte, lixos e recicláveis, evitando excessos na impressão em papel, entre outros. O cuidado com a vida passa pelo cuidado com o todo, com a “Casa Comum”. Essa forma de ser e estar no mundo é imprescindível para o futuro da Humanidade, pois é uma espiritualidade que valoriza a vida e respeita a natureza, atenta aos desafios sociais, políticos e econômicos que o mundo apresenta.



Religiosas, leigas e leigos reunidas em um evento congregacional, o XXI Capítulo Geral - 2019, elaboraram, com a participação de todas as comunidades religiosas e equipes dos projetos de missão, o documento intitulado: “O Espírito nos impulsiona a transitar encruzilhadas e habitar fronteiras”. Esse documento formula o horizonte que deve orientar a Família Oblata até 2025.

No que se refere à espiritualidade, amplia o olhar ao afirmar, “...é vital, ser, sentir-nos e atuar como corpo congregacional desde uma espiritualidade holística...”. Podemos perguntar: o que, como Família Oblata, estamos entendendo com respeito à espiritualidade holística? O próprio documento apresenta um conceito: “... Experiência de conexão, inter-relação, cooperação e compromisso. Espiritualidade que reforça a consciência global planetária de sororidade universal. Nossa referência é Jesus Redentor; Ele nos mostra um Deus que é todo compaixão e misericórdia com todas as criaturas”. Como já mencionado anteriormente, a espiritualidade encarnada deve considerar o contexto, para se fazer vida. Diante do momento atual marcado pela fragmentação, pelo individualismo, somos chamadas e chamados a viver a experiência de conexão, de inter-relação e de cooperação. A pandemia de COVID-19 evidenciou que ninguém se salva só, somos um só corpo no Planeta, dependemos uns dos outros.



**Lucia Alves da Cunha**  
Oblata do Santíssimo Redentor



# DEPOIMENTOS



“Considero que trabalhar no Diálogos contribui, cotidianamente, para meu crescimento pessoal e humano. Convivendo com as mulheres que exercem a prostituição tive a oportunidade de rever meus conceitos e preconceitos. Abracei causas e lutas, especialmente as relacionadas às questões de gênero e vulnerabilidade social, que levo para a minha vida pessoal. Avalio que por esse trabalho tive a oportunidade de me tornar menos preconceituosa e mais humana. Serei sempre grata a essa oportunidade.”

*(Isabel Cristina Brandão - Psicóloga - Diálogos pela Liberdade Belo Horizonte/MG)*



“Me chamo Jade, sou trabalhadora sexual e fundadora do Coletivo Clã das Lobas.... Então o que eu posso falar do Diálogos pela Liberdade, é uma parceria forte, acolhedora, estável e eu espero que dure por muitos anos. Como assistida a mesma coisa. Dentro dessa pandemia eu sinto muita saudade, mesmo elas nos amparando remotamente, e nos socorrendo eu sinto falta de encontrar, de abraçar e desse aconchego que sempre encontro no projeto. Pessoas maravilhosas, são todas praticamente mães de quem vai lá procurar atendimento.”

*(Jade - Fundadora e coordenadora - Coletivo Clã das Lobas - Belo Horizonte/MG)*



## Gratidão

“Expresso neste poema  
Minha gratidão a Deus  
Por me chamar desde pequena  
A seguir os passos seus  
Sou Oblata e amo a missão  
No Diálogos pela Liberdade  
Dou minha contribuição  
Antonia e Padre Serra  
Foram minha inspiração  
Ver em cada mulher  
A Imagem do Redentor  
Dou graças ao Senhor  
Pela Sublime vocação  
No Diálogos Pela Liberdade  
Deus sempre está presente  
Vejo sua Ternura em cada mulher  
presente.

A missão da Oblata é amar sem distinção  
Reavivando assim minha vocação  
A misericórdia e a Compaixão  
Deve ficar viva em cada coração  
Sou feliz na família Oblata, e com os Leigos na missão  
No rosto de cada mulher  
Deus revela sua Redenção  
Pouco a pouco, somente pouco a pouco  
Essa foi uma grande lição  
Quero que vejam nelas a Imagem do Redentor.”

*(Leonira Camatta - Irmã Oblata - Diálogos pela Liberdade - Belo Horizonte/MG)*



“Desde o início da pandemia com a campanha é Tempo de Cuidar, a Cáritas tem buscado acolher e contribuir com as pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade acentuada pela COVID-19. E uma das formas foi a distribuição de kits de higiene tão necessários neste tempo. Procuramos as Oblatas, pois sabendo também de sua missão de cuidado com as mulheres, para que chegassem até elas os kits e assim poder de alguma forma ser presença cuidadosa e amorosa, sendo testemunhas dos cuidados que Jesus também teria com os mais vulneráveis.

Assim, em tempos tão difíceis, o trabalho em rede se faz necessário para que consigamos acolher e proteger as pessoas fazendo ou buscando fazer com que todos tenham direito a vida e vida em abundância.”

*(Renata Siviero Martins - Assessora de projetos - Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais)*



“Fazer parte da Rede Oblata é uma experiência de crescimento profissional e pessoal grandiosa. Poder exercer a minha profissão e consolidar o projeto ético-político do Serviço Social com a missão e ensinamentos dos nossos fundadores, Pe. Serra e Madre Antonia, em um processo que visa a emancipação, autonomia, desenvolvimento e a garantia dos direitos humanos das assistidas, me faz esperar uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres, em especial aquelas que estão em contexto de prostituição e vulnerabilidade social, público que abraçamos enquanto instituição.”

*(Anna Lícia Brito - Assistente Social da Pastoral da Mulher - Juazeiro/BA).*

“Não vou muito longe minha colega... a alegria dela era chegar na Pastoral [Diálogos pela Liberdade] que nem muitas de nós. Vou por causa do lanche que tem na Pastoral, um bolo, um suco. Vou porque alguém vai me dar um bom dia, boa tarde, boa noite, um abraço que você tá precisando, que você não recebeu do dono do hotel, do gerente, do funcionário, da colega do quarto.”

*(R. T. - Mulher atendida - Diálogos pela Liberdade - Belo Horizonte/MG)*

“Eu não conhecia a Pastoral [Diálogos pela Liberdade] até o dia que entrei. Pensava que o projeto era para fazer curso ou para rezar. Mas, vocês respeitam a religião de todo mundo. Trata todo mundo com carinho de igual para igual.”

*(A. B. - Mulher atendida - Diálogos pela Liberdade - Belo Horizonte/MG)*



“Desde 2011 faço parte da Rede Oblata. Em equipe amadureci e passei por momentos de transformação, crescimento pessoal e profissional. Aprendi sobre intervenção social, sobre direitos das mulheres, sobre prostituição, mas, sobretudo, sobre dignidade das mulheres e de mim mesma. Foi com a experiência na Rede que compreendi como acontece o processo de marginalização, estigmatização, mas ao mesmo tempo como aos poucos posso fazer parte da mudança social. Aprendi a questionar muitas coisas e entendi que é no coletivo que se derruba estruturas.”

*(Railane Delmondes - Educadora Social - Pastoral da Mulher - Juazeiro/BA)*





"Partindo da compreensão que possuímos do trabalho em rede como "um espaço de formação de parcerias, cooperações e articulações dos sujeitos e instituições (Lorenchini, Ferrari & Garcia - 2002), acredito que as Cirandas Parceiras propiciam que olhemos as situações e problemas de forma mais aplicada e integrada. Compartilhamos objetivos e saberes, objetivando a construção de vínculos horizontalização de complementaridade."

*(Carla Theóphilo - Assistente Social - Secretária de Educação - Juazeiro/BA)*



"A experiência é particular dentro do Projeto Força Feminina e a convivência com as mulheres que exercem a prostituição afetam as suas percepções acerca da vida. O projeto atua como um meio de empoderamento, de interação social e de aprendizagem, onde o acolhimento e a passagem de conhecimentos e técnicas dão suporte para as mulheres. Ele se torna um espaço de inserção social, no qual possibilita uma rede de apoio social e influencia diretamente no desenvolvimento interpessoal de cada assistida, mas também das pessoas que transitam neste espaço. A experiência de estar neste local é enriquecedora."

*(Maéli Arali Lima Rodrigues - Voluntária de Psicologia - Projeto Força Feminina - Salvador/BA)*



"A parceria do colegiado de enfermagem com a Pastoral da Mulher de Juazeiro/BA já ocorre há alguns anos e teve início quando na época do meu mestrado me interessei em trabalhar com mulheres profissionais do sexo e fui conhecer o serviço relevante que a pastoral desenvolvia na região; de lá para cá passaram-se mais de 10 anos. Ao longo deste período desenvolvemos alguns projetos de pesquisa, ações de ensino e extensão e tenho muito a agradecer a esta parceria. Todas as atividades desenvolvidas pelos alunos foram de suma importância para o crescimento profissional e pessoal deles; assim como acredito que também contribuímos um pouquinho, à medida que levamos mais educação em saúde para essas mulheres, para modificar a vida delas. Desejo que a parceria com a pastoral perdure por muitos anos ainda."

*(Sheila Sued - Professora - Univasf - Petrolina/BA)*



"Eu aprendi a ser mulher lá, aprendi a conviver com as mulheres, aprendi a dor das outras, então, para mim a Pastoral da Mulher é algo que significa o meu crescimento hoje e assim eu sei que muitas mulheres não entendem, mas a PM [Pastoral da Mulher] só quer o nosso bem. Muito obrigada por tudo que fez pela gente. Eu represento as mulheres que saíram e as que estão na prostituição. Tudo que eu aprendi aí nunca vai sair da minha mente da minha vida. Vocês fazem parte da minha vida. Gratidão e amo todas vocês que me acolheram quando mais precisei."

*(M. D. D. - Mulher atendida - Pastoral da Mulher - Juazeiro/BA)*



"Estou como educadora da Força Feminina, já passei por outros espaços o que me proporcionou adquirir maior experiência. Fazer parte da Família Oblata é se permitir a mudar, a se transformar com a história de vida e realidade das mulheres que acompanhamos, nesta caminhada aprendi muito mais sobre o valor da mulher, a me despir dos meus "pré-conceitos". Hoje defendo e luto por igualdade e direitos iguais para todas nós. Amo o que faço! Obrigado à Rede Oblata por me ajudar a fazer este caminho."

*(Rosilene Ferreira - Educadora Social - Projeto Força Feminina - Salvador/BA)*



"APROSBA e Força Feminina, uma parceria que deu muito certo! A Força Feminina é muito importante na minha vida pessoal, muito antes da APROSBA existir, eu Fátima Medeiros, buscava na instituição apoios, psicológico, jurídico entre outros. Quando fundei a APROSBA fui logo procurar a parceria, isso há mais de 20 anos. Trabalhamos com a mesma população, o tratamento recebido pelo Força Feminina é muito humano, minhas companheiras, colegas e amigas são muito desconfiadas, não é com qualquer pessoa que se sentem confortáveis para muitas vezes expor seus problemas, eu percebo nitidamente a confiança que elas têm na equipe que compõe o Força, é o mesmo que eu. Agora nesse momento de pandemia do COVID-19 a APROSBA não teria como apoiá-las se não tivesse a parceria. Obrigada, Força Feminina, por ser a parceira mais importante da APROSBA. Juntas seremos muito mais fortes, juntas na luta por dignidade, juntas na guerra contra a fome, juntas na luta por direitos, juntas na busca por igualdade, APROSBA e Força Feminina, avante!"

*(Fátima Medeiros - Fundadora da APROSBA - Associação das Profissionais do Sexo da Bahia - Salvador/BA)*



"Estar no Projeto para mim é sempre uma graça, porque nele renovo a minha vida e a vocação a qual fui chamada. Com as mulheres, a vida ganha mais sentido. Elas têm me ensinado a ser mais humana comigo mesma e com os outros. A maneira que elas vivem me toca profundamente, porque vem de uma história marcada de sofrimentos desde seus primeiros anos de vida, no entanto são mulheres fortes, guerreiras, batalhadoras, cheias de fé e esperança. Sinto-me muito feliz em fazer parte da equipe, cada uma me enriquece com seus saberes e suas experiências de vida. São todas mulheres guerreiras e comprometidas com a causa das mulheres em contexto de Prostituição. Ser parte da Rede Oblata é uma riqueza, porque aí partilhamos vida, experiências, desafios, esperanças e, juntas, vamos construindo a nossa identidade de Família Oblata."

*(Maria do Rosário Vasconcelos Silva - Irmã Oblata - Projeto Força Feminina - Salvador/BA)*

"A Rede Oblata, Pastoral da Mulher, é uma porta que se abriu pra nós mulheres da sociedade, principalmente aquelas que exercem a prostituição. A importância da Pastoral pra nós mulheres é lutar pela igualdade racial, social e direito de ser o que nós quisermos... sou completamente grata à Rede Oblata que sempre nos acolhem de braços abertos..."

*(P. F. - Mulher atendida - Pastoral da Mulher - Juazeiro/BA)*



“O Força Feminina em minha vida é um local de aprendizado, de busca de novas formas de luta. Esse é o local onde posso viver experiências que vão fazer toda diferença em minha vida. Foi lá que me tornei a mulher que sou hoje, uma mulher que luta pelos meus direitos e sabe questionar quando for necessário. Essa pandemia tirou de nós um lugar onde podemos ser ouvidas e acolhidas sem nenhum preconceito. Eu amo o Força Feminina.”

**(M. L. - Mulher atendida - Projeto Força Feminina - Salvador/BA)**



“Desde que soube da existência de um projeto de missão voltado para mulheres em contexto de prostituição, muitas mudanças ocorreram na minha forma de olhar para o Ser Mulher e suas complexidades. Aos poucos fui me despidendo dos preconceitos, julgamentos e resignificando o que era para mim ser mulher, percebendo que o peso do estigma, desigualdade de gênero, preconceito, cobranças da sociedade machista e patriarcal me tocam. Fazer parte dessa missão mais do que abraçar uma causa, é lutar pela liberdade e pelos direitos de nós mulheres, independente das escolhas, oportunidades e/ou falta delas. Além dos resultados alcançados através das intervenções e trabalhos em parceria com a rede de saúde e socioassistencial, o que me sustenta é o trabalho articulado como “Família Oblata” onde compartilhamos nossas conquistas e desafios sempre na busca de ocupar os espaços emergentes da prostituição, tornando mais justo e menos vulnerável o caminho das mulheres. Sou muito grata pela oportunidade de fazer parte da missão!”

**(Aline Cristiane Rissardi - Coordenadora Projeto Antonia - São Paulo/SP)**



“O trabalho no Projeto Antonia foi e continua sendo para mim muito gratificante, sobretudo quando se faz parte da vida e história de cada mulher, acompanhando todo o seu processo de transformação, formação, motivação, resiliência, busca, sonhos, fé, assim como processo de dor, inquietações, desesperança, trauma, violência, entre outros. O contato com as mulheres, tanto na sede do projeto como nas visitas, a história de vida de cada uma, a realidade do mundo da prostituição, a luta de algumas mulheres por respeito, justiça, dignidade, tudo o que cada mulher tinha como sagrado e trazia para partilhar, foram experiências que marcaram, continuam marcando e mudaram minha vida, minha forma de ver, pensar e atuar sobre a temática da prostituição... São experiências libertadoras tanto para as mulheres atendidas como para mim, digo que no meio de tudo isso todas nós saímos ganhando. É um trabalho de “mão dupla” curamos e somos curadas, consolamos e somos consoladas, transformamos e somos transformadas, escutamos e somos escutadas, ninguém sai como chega, alguma coisa leva e isso com certeza faz toda a diferença.”

**(Marlene Francisco Bravo - Irmã Oblata - Projeto Antonia - São Paulo/SP)**



“O que falar desse lugar, hein?! No momento em que mais precisamos está ali, do nosso lado. Não mede esforços para apresentar às mulheres, que vão lá, o melhor. A cada dia sinto que o Força Feminina e a equipe que faz parte dele, é um abrigo em que posso confiar, expressar meus medos, angústias, dores... É importante que ainda existam lugares como esse. Parabéns, Força, parabéns, Irmãs Oblatas.”

**(G. R. S. - Mulher atendida - Projeto Força Feminina - Salvador/BA)**



“É um prazer termos como parceria o Projeto Antonia. O trabalho realizado por vocês na divulgação dos direitos e necessidades da inclusão social é de suma importância. O projeto orienta e trabalha a prevenção da violação dos direitos, possibilita desta forma o acesso aos benefícios socioassistenciais e assim constrói a dignidade e empoderamento da mulher em contexto de prostituição. Estamos sempre com as portas abertas para acolher as trabalhadoras sexuais encaminhadas pelo Projeto Antonia, quer seja na testagem do HIV e outras IST's, no tratamento das IST's ou apenas para uma conversa.”

**(Dra. Kathia Bittencourt Dutra Tabacow - Coordenadora - CTA - Centro de Testagem e Aconselhamento - São Paulo/SP)**



“O Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos (NETT) possui o objetivo de oferecer atendimento clínico psicanalítico, psiquiátrico e atividades terapêuticas gratuitas a pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica e social. Por essa razão, e tendo em vista que o Projeto Antonia atua na intervenção social e acompanhamento às mulheres de baixa renda que estão em contexto de prostituição, estabelecemos uma parceria que visa o cuidado psicossocial e terapêutico daquelas mulheres. Através desse trabalho conjunto, em vigor desde 14 de novembro de 2019, buscamos uma maior democratização dos trabalhos terapêuticos psicanalíticos e psiquiátricos que infelizmente, ainda não adentraram na extensão necessária nos espaços e comunidades que precisam deles.”

**(Cristiane Izumi Nakagawa - Coordenadora - Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos - São Paulo/SP)**

“O projeto já me ajudou de tudo quanto é forma, mudanças maravilhosas, coisas que já aconteceram na minha vida, tudo foi através do projeto, coisas boas, então para mim é mais do que uma mãe que eu não tenho aqui em São Paulo. Se eu tenho um problema é o projeto que me socorre... Se não fosse as irmãs na minha vida eu não sei nem o que eu seria, até trabalhar na rua eu não trabalhava mais. Através do projeto eu estudo, foi através da força que vocês me deram, tinha muitos anos que não tinha a esperança de voltar para a escola, foi tudo através daí que mudei minha vida. Conselhos, ajuda, tudo que as pessoas imaginarem eu tive de ajuda, então eu não tenho palavras para falar do Projeto. Agradeço muito, a única forma de falar do projeto é agradecer muito, e que Deus abençoe e que nunca acabe, que tem outras mulheres também que precisam. Se eu preciso, imagina as outras que tem por aí também. Ajudou muito a minha família em tudo.”

**(M.S.S. - Mulher atendida - Projeto Antonia - São Paulo/SP)**

“Olá eu sou M.M.J., quero falar um pouco da minha experiência como uma das usuárias do Projeto Antonia e falar da importância que tem sido o Projeto na minha vida, por eu ter conseguido vários objetivos como conclusão de cursos, acesso a serviços sociais, a serviços de saúde na região, pois o acesso é muito difícil e principalmente para as mulheres que vivem em situação de prostituição. [O Projeto] tem feito uma grande diferença na minha vida, e nesse momento de pandemia tem se tornado muito difícil para mim e para todas as mulheres que vivem na região, pois a gente depende muito de alguém para dar um incentivo para dar o primeiro passo. O Projeto pelo fato de ter parceria com outros serviços tem ajudado muito, está muito devagar, mas a gente vai vencer, se Deus quiser, a gente chega lá!”

**(M. M. J. - Mulher atendida - Projeto Antonia - São Paulo/SP)**





# Convocação

Somos chamadas à vida e a promover a vida de outras pessoas!

Participar e colaborar para tornar o mundo melhor, mais humano e mais justo.

Todos temos dons e aptidões que podem ser colocados a serviço das pessoas mais vulneráveis.

Você acha que está fazendo sua parte? Reflita. E se não está e quer começar, temos uma proposta para você!

Ser solidária/o e contribuir na luta pela garantia dos direitos humanos junto às mulheres que exercem a prostituição, sobretudo as que vivem em extrema vulnerabilidade social.

Amor, Acolhida, Escuta, Respeito, Compreensão são atitudes que fazem a diferença!

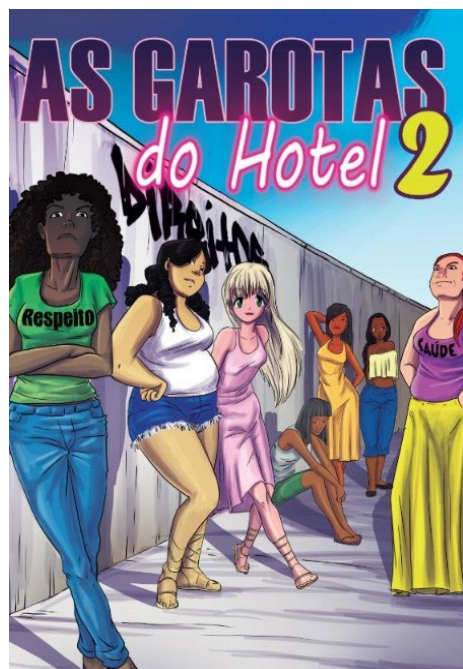
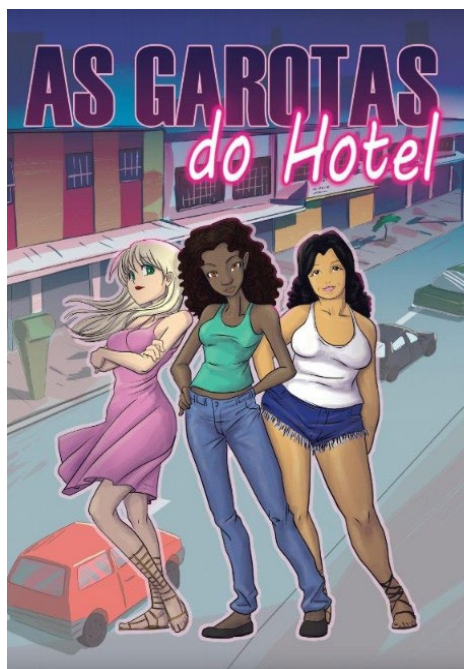
**Se você quiser participar, entre em contato com uma das Unidades da Rede Oblata.**







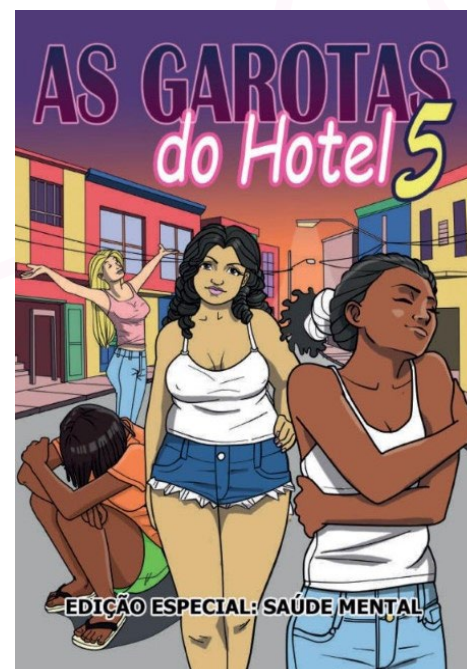
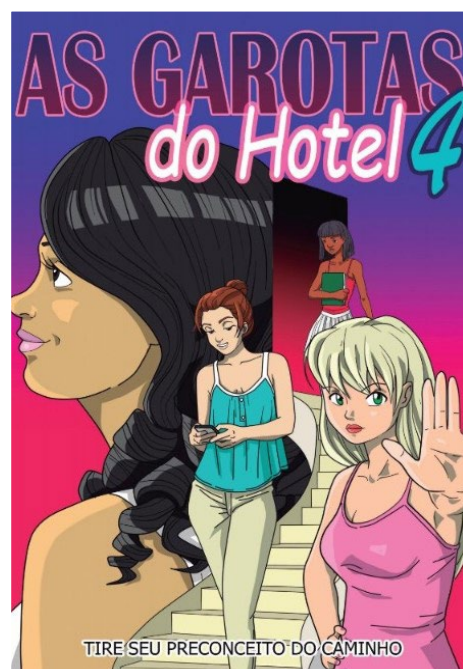
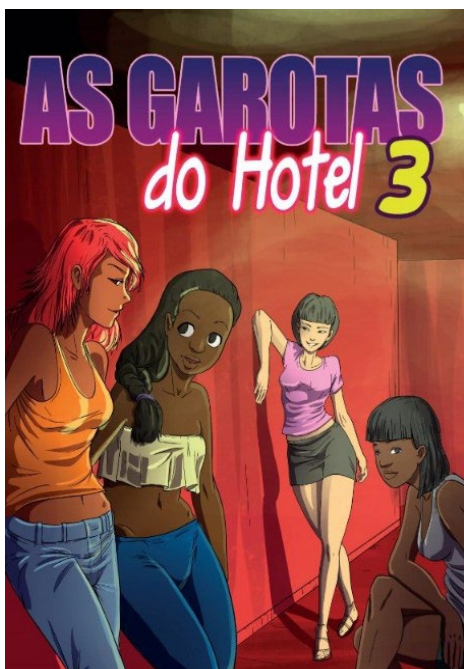
# Sugestões de Leitura



## As Garotas do Hotel

A coleção em quadrinhos As Garotas do Hotel é um material socioeducativo e de sensibilização que visa o enfrentamento do estigma sofrido pelas mulheres em contexto de prostituição e destaca a situação de vulnerabilidade social. Busca também a conscientização sobre a realidade das mulheres, apresentando um olhar de dentro para fora, com empatia e respeito. A intenção também é empoderá-las com informações para que possam lutar por seus direitos humanos, frequentemente violados.

>>> [Leia online](#)



## Proposta Pedagógica de acompanhamento as mulheres em situação de prostituição

Uma construção conjunta, fruto da aproximação do contexto da prostituição e das vivências cotidianas, a Proposta Pedagógica de acompanhamento às mulheres em situação de prostituição foi construída com a intenção de refletir e projetar uma nova perspectiva da ação pastoral em que a mulher seja o sujeito e a protagonista do próprio processo de humanização.



## Antonia

A revista em quadrinhos Antonia apresenta uma mulher que viveu à frente do seu tempo. Conheceu o Padre Serra, que a apresentou à realidade sofrida da mulher em contexto de prostituição no século XIX. Sensibilizados e tocados por esta realidade, juntos fundaram uma casa de acolhida e encararam com coragem e determinação os desafios de viver e de ser presença significativa e misericordiosa na vida das pessoas, especialmente dessas mulheres.

>>> [Leia online](#)



## Prostituição: Mudanças, autoimagem e, confrontações e violências

O livro Prostituição: mudanças, autoimagens, confrontações e violência é resultado de um projeto de pesquisa sobre violência contra as mulheres que exercem a prostituição. Realizado em 2017 pela Rede Oblata Brasil, teve como objetivo revelar a invisibilidade social e o estigma que naturaliza as violações de direitos humanos das mulheres, principalmente as que estão em contexto de prostituição.





## Revista da Rede Oblata, coordenada pelo Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor

### Equipe Editorial:

- Aline Cristiane Rissardi
- Lucia Alves da Cunha, OSR
- Maria Beatriz Simões da Paixão, OSR
- Reine Rodrigues de Oliveira

### Colaboradoras:

- Alessandra Nascimento Gomes
- Anna Lícia Ferreira Brito
- Carla Theóphilo
- Carolina Souza Paixão
- Cristiane Izumi Nakagawa
- Fátima Medeiros
- Fernanda Maria Lins e Silva
- Isabel Cristina Brandão Furtado
- Kathia Bittencourt Dutra Tabacow
- Leonira Camatta, OSR
- Lucinete dos Santos
- Maéli Arali Lima Rodrigues
- Maria de Fátima Muniz Nascimento (Jade)
- Maria do Rosário Vasconcelos Silva, OSR
- Maria Helena Braga da Silva, OSR
- Marilda Santos de Souza, OSR
- Marlene Francisco Bravo, OSR
- Renata Siviero Martins
- Rosilene da Silva Ferreira
- Rosilene Ferreira
- Sheila Sued
- Sirley da Silva, OSR

### Equipe Conectidea - Base Criativa de Transformação Social

- Projeto Gráfico Editorial: Fernanda Soares (Direção e design)
- Diagramação e Design: Ana Cardoso

- Revisão: Daisy Silva

### Imagens

Arquivo Rede Oblata Brasil  
Bancos de imagem/vetores:  
Depositphotos | Pixabay

Licença: Para uso pessoal e comercial  
| Atribuição não requerida

**SENSIBLA - 1ª Edição | 2021/2022**

**Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor**  
Rua Acuruí, nº 552  
Vila Formosa | São Paulo/SP  
CEP.: 03355-000



Ouçã o podcast:







MULHERES | ACOLHIMENTO | VOCAÇÃO | DIREITOS HUMANOS  
PARCERIA | POUCO A POUCO | PROTAGONISMO | SAÚDE  
VULNERABILIDADE SOCIAL | ESPERANÇA | HUMANIZAÇÃO | INSPIRAÇÃO  
RESILIÊNCIA | ABRIR PORTAS | ATENDIMENTO | SORORIDADE  
ESPIRITUALIDADE | EMPODERAMENTO | MISERICÓRDIA  
CRESCIMENTO | OLHAR | ESCUTAR | VIDA | AÇÃO  
ORAÇÃO | SENSIBILIZAÇÃO | ABRAÇO | LUZ | FÉ  
JUSTIÇA SOCIAL | LUTA | EMPATIA | COMUNIDADE

